

A ATUAÇÃO FEMININA NO MASSACRE DA LINHA DO PARQUE

LÊNIN PEREIRA LANDGRAF¹; JUAREZ JOSÉ RODRIGUES FUÃO²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – leninplandgraf@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – jfuao@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

A invisibilidade feminina na História foi uma constante durante os séculos passados e, com frequência, segue ocorrendo ainda atualmente. O presente artigo trata-se de um recorte no projeto de pesquisa de mestrado que desenvolvo, nos parágrafos abaixo pretendo trazer algumas reflexões iniciais sobre a participação feminina no Massacre da Linha do Parque e nos desdobramentos do conflito, evidenciando tal atuação, através de um jornal comercial e de dois jornais operários.

No dia 1º de maio de 1950, em Rio Grande, no Rio Grande do Sul, uma manifestação de trabalhadores que pediam a reabertura da Sociedade União Operária (SUO)¹ que havia sido fechada por ordem do governo², culminou em um massacre promovido pelos policiais, que ficou conhecido como O Massacre da Linha do Parque³. A comemoração em alusão ao Dia Internacional dos Trabalhadores foi convocada em um momento de grande tensão entre o movimento operário e a polícia, os acontecimentos dos anos anteriores na cidade e o sentimento anticomunista construído fortemente nos pós Segunda Guerra mundial colaboraram com essa crescente tensão. (LANDGRAF, 2018, 359).

A passeata saiu por uma das principais ruas da cidade e após alguns minutos foi interceptada por um grupo de policiais, liderados pelo delegado do DOPS⁴ Ewaldo Miranda, que exigiam o fim da manifestação e dispersão de todos, a partir desta ordem o confronto teve início. O saldo do massacre foi de quatro manifestantes e um policial mortos, além dos diversos feridos como o vereador na cidade Antônio Réchia. Os mortos foram Euclides Pinto, Honório Alves de Couto, Osvaldino Correa e Angelina Gonçalves, esses trabalhadores e manifestantes, e Francisco Reis, soldado da brigada militar.

2. METODOLOGIA

As fontes aqui utilizadas foram jornais, comerciais e operários. A análise de jornais é uma fonte muito rica e importante na construção das mais variadas pesquisas, como afirma Maria Helena Capelato (1988):

A imprensa oferece amplas possibilidades para isso. A vida cotidiana nela registrada em seus múltiplos aspectos, permite compreender como viveram nossos antepassados – não só os “ilustres”, mas também os sujeitos anônimos. O Jornal, como afirma Wilhelm Bauer, é uma verdadeira mina de conhecimento: fonte de sua própria história e das

¹ A Sociedade União Operária foi uma das principais entidades representativas dos trabalhadores rio-grandinos durante os séculos XIX e XX. Fundada em 1893, acabou fechada em definitivo em 1964 pelo golpe civil militar

² Ordem que partiu do governo federal sob comando de Eurico Gaspar Dutra, presidente da república entre 1946 e 1951.

³ Linha do Parque foi o nome dado para uma rota de bondes na cidade do Rio Grande, tal rota era rotineiramente utilizada pelos trabalhadores.

⁴ As Delegacias Especializadas de Ordem Política e Social (DOPS) foram extremamente ativas durante a ditadura do Estado Novo e a ditadura civil militar, desempenhando um papel de repressão e controle aos movimentos sociais e políticos no Brasil.

situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de cultura. Nele encontramos dados sobre a sociedade, seus usos e costumes, informes sobre questões econômicas e políticas. (CAPELATO, 1988, p. 20-21)

Entretanto, alguns cuidados são necessários para a análise dos periódicos, a fim de evitar crer fielmente no conteúdo publicado. É preciso que o pesquisador, assim como em qualquer outra fonte, lance mão um olhar crítico ao analisar um jornal. O uso da imprensa como fonte pressupõe uma análise acompanhada de teoria e metodologia, para Capelato (1988) o pesquisador deve em primeiro lugar responder as seguintes perguntas: quem produziu aquele jornal? Para que? Como e quando? Não crer fielmente nessa fonte e contextualizar o momento histórico em que esse material foi produzido e com qual objetivo é essencial. A tarefa do historiador então é a de desmistificar o conteúdo e significado aparente do jornal.

3. RESULTADO E DISCUSSÃO

A invisibilidade das mulheres nos mais diversos campos científicos e na História em específico foi uma constante durante o século XX, muito embora tenha-se avançado nesta discussão, tal fenômeno ainda ocorre frequentemente. Maria Pena (1981) em seu livro “Mulheres e Trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril” que tem como objetivo principal “[...] compreender o movimento do trabalho feminino no período inicial de industrialização no Brasil, até 1950.” (PENA, 1981, p. 14), faz uma dura crítica à academia brasileira, afirmando que:

As ciências sociais no Brasil, senão esporadicamente, não se detiveram a examinar com cuidado a participação das mulheres na sociedade.[...] Consciente ou inconscientemente, as mulheres foram apagadas de nossa história e a leitura dos textos daqueles que se preocuparam em estudá-la provoca a impressão que esse é um país habitado somente por homens. (PENA, 1981, p. 13)

É inadmissível que qualquer trabalho científico ignore a presença feminina onde de fato ela existe. No caso específico do Massacre da Linha do Parque, a mulher que teve amplo destaque entre a população rio-grandina foi a tecelã Angelina Gonçalves, a única mulher assassinada entre os quatro mortos do lado dos manifestantes durante o massacre. Tratada como heroína pelos manifestantes e seus apoiadores, diversas versões sobre seu assassinato, algumas delas fantasiosas, são contadas até hoje em Rio Grande⁵. A história de Angelina, infelizmente ainda é pouco trabalhada na historiografia, provavelmente devido a escassez de fontes, entretanto a operária merece um trabalho específico e mais aprofundado a ser desenvolvido. O Centro Acadêmico dos estudantes de história da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) leva o nome de Angelina, uma justa homenagem. Ao tratar do tema, o jornal *Gazeta Sindical*⁶, exalta

⁵ Mario San Segundo (2009) em sua dissertação de mestrado traz duas versões para o acontecimento. A primeira, e mais aceita, é a de que Angelina Gonçalves ao ver um policial tomando a bandeira nacional das mãos de um grupo de mulheres, que participavam da manifestação, recuperou a bandeira e, ao virar de costas, foi atingida por um tiro na cabeça. Já a segunda versão aponta que Angelina estava com sua filha no colo no momento em que foi atingida, entretanto tal versão não pode ser comprovada. (SAN SEGUNDO, 2009, p. 131)

⁶ Jornal da Central dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil.

veementemente a suposta atitude tomada por Angelina de retirar a bandeira brasileira das mãos do policial:

Heroísmo de uma operária.

Entre as cenas de heroísmo e de firmeza proletária cumpre destacar a da morte da tecelã Angelina Gonçalves. Ia ela com um grupo de senhoritas que acompanhavam a Bandeira Nacional. À certa altura, os policiais tentaram arrebatá-la da menina que a carregava. Angelina, porém, não podia deixar que a Bandeira passasse das mãos honradas que a transportavam, para as mãos assassinas dos policiais. Adiantou-se, pois, e em lutas com os tiras conseguiu retomar a bandeira. Foi neste instante, quando defendia o Pavilhão nacional com o próprio corpo, que Angelina foi fuzilada friamente por Gonçalo Gonçalves, tombando morta, envolta na bandeira que defendeu com a sua própria vida. (Gazeta Sindical, 1ª quinzena de junho de 1950. p. 4. Apud San Segundo, 2009, p. 112)

A publicação veiculada no jornal aponta a tecelã e as manifestantes que a acompanhavam como defensoras da honra e da soberania nacional, evitando que o maior símbolo do sentimento nacionalista – a bandeira – passasse para as mãos, segundo o jornal, desonrosas dos policiais. O trecho da reportagem também revela a presença de outras mulheres no protesto, outro indício da participação feminina de forma ativa na manifestação é a convocação para a festa, que foi assinada por diversas entidades sindicais e sociais, entre elas a União das Mulheres Riograndinas, sobre a qual, até esta altura da pesquisa, infelizmente, não se possui maiores informações.

Já o jornal *O Tempo*⁷ traz uma série de reportagens condenando a ação dos manifestantes, especificamente sobre Angelina a reportagem aponta que:

A senhora, d. Angelina Gonçalves casada, abandonando os seus deveres e empunhando um estandarte, caiu morta, isso por não ter aceito os conselhos do seu esposo o qual preferiu assistir uma partida de futebol, a ter que desrespeitar a lei e manchar de sangue a cidade a sociedade em que vive. (*O Tempo*, 4 de maio de 1950, capa.)

A reportagem indica que Angelina só foi morta pois abandonou seus “deveres” como dona de casa e de operária, dando a entender que ainda estaria viva se seguisse as recomendações de seu marido. Essa visão firmada pelo jornal vai ao encontro do que Pena (1981) escreve. A autora busca entender a formação do proletariado urbano brasileiro não apenas através de uma análise do capitalismo, mas também através de uma análise do patriarcalismo, para ela “*É da relação patriarcal que o homem emerge como o principal ganha pão familiar, a mulher como uma trabalhadora complementar e a reprodução da família como seu principal e natural campo de atividades.*” (PENA, 1981, p. 14). Ainda nesse sentido a autora aponta que:

Subjugada em sua sexualidade, a mulher tornou-se o que tem sido, uma agente reprodutora. Em torno ao trabalho reprodutivo, gerando novas crianças e mantendo-as vivas, em volta ao trabalho doméstico, ela realiza a identidade que lhe foi imposta. Mesmo o capitalismo, que a assalariou, não permitiu que essa identidade se perdesse: as mulheres seriam duplamente úteis, como trabalhadoras e como mães/esposas,

⁷ O Jornal *O Tempo* foi fundado em 1906, era publicado diariamente em Rio Grande e no ano de 1950 estava sob a direção e propriedade de Saul Porto.

pelo seu trabalho na produção e pelo seu trabalho na reprodução, criando valores de troca e criando trabalhadores/as. (PENA, 1981, p. 15)

Cabe ressaltar ainda a atuação de Sulma Pinto, esposa do trabalhador assassinado Euclides Pinto, que após o Massacre empenhou-se em denunciar e pedir a punição dos policiais envolvidos. Sobre Sulma pouco se sabe até então, cabendo aos historiadores e historiadoras a realização de pesquisas específicas sobre ela.

4. CONCLUSÕES

A presença massiva de mulheres no Massacre da Linha do Parque é algo difícil de se afirmar e trabalhar, principalmente devido a escassez de fontes, entretanto é possível, através de Angelina e Sulma, afirmar que de fato houve participação feminina de forma ativa no protesto e em suas repercussões. Fica evidente também a diferença entre as abordagens do jornal comercial *O Tempo*, que buscou responsabilizar Angelina por sua própria morte, e o jornal operário *Gazeta Sindical*, que buscou relatar a versão dos manifestantes e acaba tratando Angelina como uma heroína. O tema, assim como a presença das mulheres no movimento operário rio-grandino, carece de um maior número de trabalhos, a ser desenvolvidos o mais brevemente possível.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.
- LANDGRAF, L. P. *1º de maio de 1950 em Rio Grande: O Massacre da Linha do Parque e a disputa pela memória*. In: IV Encontro Internacional Fronteiras e Identidades - Tributo à Obra de Beatriz Loner, 2018, Pelotas. o IV Encontro Internacional Fronteiras e Identidade: tributo à obra de Beatriz Loner, 2018. v. 4. p. 357-367.
- PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e Trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- SAN SEGUNDO, Mário. *Protesto Operário, Repressão Policial e Anticomunismo: Rio Grande 1949, 1950 e 1952*. Porto Alegre: 2009.
- VIANNA, Adriana; LOWENKRON, Laura. *O duplo fazer do gênero e do Estado: interconexões, materialidades e linguagens*. Cadernos Pagu (51), 2017, s/p.